

Sartre e a psicanálise*

Rafael Raffaelli

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

A relação entre Sartre e a psicanálise é ambígua, pois de um lado há uma oposição conceitual sobre o *status* teórico da mente inconsciente e, por outro lado, as duas teorias trabalham com a interpretação do significado. O empirismo da metodologia psicanalítica e a ênfase na sexualidade são recusados por Sartre. Sartre enfatiza a compreensão da ação humana tendo como base a liberdade, a capacidade de transcender o determinismo da natureza e das relações sociais. Nesse sentido,

Abstract

The relation between Sartre and psychoanalysis is ambiguous, because, on the one hand, there is a conceptual opposition concerning the theoretical status of the unconscious mind and, on the other hand, the two theories work with the interpretation of meaning. The empiricism of the psychoanalytic methodology and the emphasis on sexuality are refused by Sartre. Sartre emphasizes the understanding of human action on the basis of liberty, the capacity of transcending the determinism of nature and social relations. In this

* Sartre and psychoanalysis

Sartre defende um ponto de vista prospectivo, enquanto a psicanálise argumenta por uma visão retrospectiva. Sartre pensa que os complexos na teoria psicanalítica - como o complexo de Édipo - são determinados por condições culturais e sociais, de outra maneira o homem seria incapaz de mudar suas próprias condições, estando condenado a repetir as determinações biológicas instintivas. Apesar disso, existencialismo e psicanálise não são tão irreconciliáveis como suposto.

sense, Sartre defends a prospective point of view, while psychoanalysis pleads for a retrospective view. Sartre thinks that the complexes in psychoanalytic theory - as the Oedipus complex - are determined by social and cultural conditions; otherwise any human being would be incapable of changing his/her own conditions, being condemned to repeat instinctive biological determinations. However, existentialism and psychoanalysis are not as irreconcilable as supposed.

Palavras-chave: Existencialismo, psicanálise, fenomenologia, ontologia.

Keywords: Existentialism, psychoanalysis, phenomenology, ontology.

As relações entre Sartre e a psicanálise são ambivalentes, pois se de um lado existe uma aporia entre as noções de consciência fenomenológica e inconsciente psicanalítico, por outro lado ambas trabalham dentro de um viés interpretativo na busca de significações.

E, embora tenha criticado as teorias psicanalíticas, o interesse pessoal de Sartre por Freud e pela história da psicanálise é patente em seu alentado e minucioso roteiro para o filme de John Huston, *Freud Além da Alma*. (SARTRE, 1986)

Para Hyppolite (1971, p.41), Sartre corrigiu a linguagem freudiana positivista através da “psicanálise existencial”, que evita o emprego de metáforas energéticas. Em suma, o erro de Freud seria não distinguir com clareza método e doutrina. Diz ele: “Sartre critica Freud por partir de tendências empíricas, de um dado empírico - em particular a sexualidade. Mas Sartre o substitui por uma liberdade radical pela qual fazemos de nós um ser-no-mundo”.

Segundo Sartre, os processos empíricos e analíticos são insuficientes para delimitar uma psicologia, devendo-se recorrer também às ferramentas heurísticas de Husserl, a indispensável *epoché* que coloca o mundo entre parênteses. Pois a tarefa da psicologia, como as demais ciências humanas, não é a análise fatural, mas a interpretação de significados. Para ele, o principal mérito da fenomenologia foi rejeitar os pressupostos empíricos da psicologia tradicional, reivindicando a autonomia do método psicológico em relação às ciências naturais. Assim sendo, rejeitou o postulado reducionista, afirmando que os fenômenos psicológicos possuem uma independência em relação aos fenômenos físicos. (Cf. MORAVIA, 1985, pp.18-19)

Todavia, Sartre reconhece a origem comum da abordagem psicanalítica e da fenomenológica-existencial:

Una sola escuela ha partido de la misma evidencia originaria que nosotros: la escuela freudiana. Para Freud, como para nosotros, un acto no puede limitarse a sí mismo: remite inmediatamente a estructuras más profundas. Y el psicoanálisis es el método que permite explicitar esas estructuras. Freud se pregunta, como nosotros, en qué condiciones es posible que una determinada persona haya realizado tal o cual acción particular? Y, como nosotros, se niega a interpretar la acción por el momento antecedente, es decir, a concebir un determinismo psíquico horizontal. El acto le parece simbólico, es decir, le parece traducir un deseo más profundo, que no podría ser interpretado a su vez sino partiendo de una determinación inicial de la libido del sujeto. Ahora bien, Freud procura constituir así un determinismo vertical. Además, por este sesgo, su concepción remitirá necesariamente al pasado del sujeto. (...) En consecuencia, la dimensión del futuro no existe para el psicoanálisis. La realidad humana pierde uno de sus ék-stasis y debe interpretarse únicamente por una regresión hasta el pasado partiendo del presente. (...)

Así, nos hemos de limitar a inspirarnos en el método psicoanalítico (...) En efecto, concebimos todo acto como fenómeno comprensible y rechazamos como Freud, el "azar" determinista. (...) Concedemos a los psicoanalistas que toda reacción humana es, a priori, comprensible. (SARTRE, 1984, pp.483-485)

As críticas de Sartre à psicanálise dirigem-se aos aspectos objetivista e causalista de sua doutrina, bem como sua suposta redutibilidade aos aspectos fisiológicos e orgânicos, o ideal epistêmico freudiano presente desde o *Projeto Para Uma Psicologia Científica* (FREUD, 1987), redigido em 1895, e reafirmado em suas obras tardias. Além disso, o conceito de inconsciente é tido como incompreensível, dado ser a consciência a matéria prima de toda psicologia. Nesse particular, propõe que a concepção de inconsciente seja entendida como uma consciência indeterminada, incapaz de se reconhecer como tal. A questão do primado da sexualidade é outro motivo de discordância, pois o sexual não seria uma coisa em si, mas antes um dos modos de ser do homem na sua relação com o mundo. (Cf. LYOTARD, 1986, pp.68-70)

Ao definir as semelhanças e diferenças entre a psicanálise existencial e psicanálise freudiana - chamada "empírica" - no segundo capítulo da terceira parte de *O Ser e o Nada* (*L'être et le néant*), escrito em 1943, Sartre enfatiza a compreensão do psiquismo do ponto de vista da história e da liberdade. O princípio da psicanálise existencial é o homem como totalidade, que se expressa significativamente em todas suas condutas. Seu objeto é decifrar a conduta humana e seu ponto de partida a experiência, empregando uma metodologia comparativa, na qual cada caso tem sua particularidade. Tal método, ele afirma, já foi esboçado por Freud e seus discípulos. Daí decorrem as similitudes entre as duas psicanálises.

Ambos psicoanálisis consideran que todas las manifestaciones objetivamente observables de la "vida psíquica" mantienen relaciones de simbolización que simbolizan estructuras fundamentales y globales que constituyen propiamente la persona. (...)

Ambos psicoanálisis consideran al ser humano como una historización permanente y procuran descubrir, más bien que datos estáticos y constantes, el sentido, la orientación y las vicisitudes de esa historia. (...) Ambos, el psicoanálisis empírico y el psicoanálisis existencial, buscan una actitud fundamental en situación que no podría expresarse por definiciones simples y lógicas, puesto que es anterior a toda lógica, y que exige ser reconstruida según leyes de síntesis específicas. El psicoanálisis empírico trata de determinar el complejo, designación que de por sí indica la polivalencia de todas las significaciones implicadas. El psicoanálisis existencial trata de determinar la elección originaria. (SARTRE, 1984, pp.592-593)

Quanto às diferenças, Sartre menciona a opção apriorística da psicanálise por uma explicação empírica fundada na sexualidade ou em outro motor primário da existência humana. O ser é livre para manifestar-se de variadas formas, não estando totalmente condicionado por uma forma ou outra de manifestação. As pulsões, então, não estariam fixadas a uma fonte única, mas responderiam às demandas complexas do mundo em função da história e inserção sociocultural do sujeito.

Aquí terminan las semejanzas entre ambos psicoanálisis, que, en efecto, difieren en la medida en que el psicoanálisis empírico ha decidido por su cuenta acerca de su instancia irreductible en lugar de dejarla anunciarse por sí misma en una intuición evidente. La libido o la voluntad de poder, en efecto, constituyen un residuo psicobiológico que no es claro por sí mismo y que no nos aparece como si hubiera de ser el término irreductible de la investigación. En última instancia, la experiencia establece que el fundamento de los complejos es esa libido o esa voluntad de poder, y tales resultados de la investigación empírica son enteramente contingentes y no logran convencer. (SARTRE, 1984, p.594)

A crítica de Sartre ao determinismo psicológico da psicanálise reside no fato desta buscar uma causa pregressa de todos os atos humanos, não levando em conta a consciência intencional, capaz de agir com liberdade frente ao mundo. Contra essa postura determinista, ele propôs uma psicologia prospectiva, na qual o para-si é hiante e o desejo o move sempre a uma superação da situação atual, que é precisamente a liberdade. E a ação é livre porque envolve uma escolha consciente, que pode quebrar com a cadeia de causas passadas através de um projeto que transcenda o determinismo da natureza e das relações sociais através do trabalho e da *praxis* (SARTRE, 1973, p.183). Nesse sentido, o comportamento humano não pode ser predito em termos de motivos singulares anteriores e deve ser sempre compreendido em termos dos projetos do ser do homem enquanto liberdade. Devido a isso, a psicanálise existencial é antiempirista e ao mesmo tempo antideterminista.

A própria denominação de psicanálise existencial nos leva a reconhecer a admiração de Sartre pela escola freudiana, notadamente pela valorização que essa atribui ao significado das ações humanas e pela descrição dos aspectos pré-reflexivos da conduta humana.

Certos princípios da psicanálise freudiana viriam a corromper suas qualidades, segundo Sartre, pois Freud conservou sua postura biologicista - como na definição de pulsão - e fisicalista, descrevendo a atividade psíquica como uma resultante de forças ou energias. O conceito de inconsciente seria uma negação da liberdade inerente ao homem, à qual ele está condenado, e depreciaria a atividade da consciência reflexiva.

Conforme a crítica sartreana, a teoria psicanalítica mostra-se determinista e generalizante, supondo a existência de forças ou estruturas - como o complexo de Édipo - que atuam de forma indiscriminada em todos os indivíduos independentemente de sua extração cultural ou social. Encarado exclusivamente dessa forma, o homem não passaria de autômato destituído de sua essência: a liberdade, ou seja, a capacidade intrínseca de negar o seu passado e se projetar no futuro segundo suas próprias determinações, seguindo sua consciência reflexiva, mas fazendo "a sua história sobre a base de condições reais anteriores" (SARTRE, 1973, p.156), consoante a conhecida formulação do materialismo-dialético expressa por Engels. Com isso, se preservaria a capacidade de mudança individual, cultural e social: caso contrário não passaríamos de seres impelidos pelos seus impulsos a repetir inexoravelmente caminhos já há muito palmilhados.

A tarefa da psicanálise não pode ser, portanto, o estabelecimento de uma tabela apriorística e abstracta dos desejos, complexos, etc., em geral. Em vez disso, ela deve interrogar a consciência na sua existencialidade individual, procurando compreender o modo como o “projecto fundamental” do homem (fazer-se síntese finalmente completa de em-si-para-si, fazer-se Deus) se concretiza em cada caso singular em múltiplos desejos e projectos particulares e numa determinada relação consigo, com o Outro, com o mundo circundante. (MORAVIA, 1985, p.68)

No entanto, como nota Merleau-Ponty (1973, p.51), Sartre indiretamente avaliza o trabalho empírico da psicanálise, pois ele mesmo empreende o estudo da emoção “sem esperar que a fenomenologia da emoção seja feita”, do que advém, implicitamente, “que o estudo experimental, tal como foi feito por Janet, por Lewin, ou pelos psicanalistas, já nos revela, ao menos confusamente e como em enigma, a essência buscada”.

E, afinal, como aduziu Sartre (1980, p.105), a falta da redução eidética??que naturaliza a pesquisa psicológica e psicanalítica, pode ser suprida pela reflexão, pois “o fenomenólogo, feita a redução, tem meios de pesquisa que poderão servir ao psicólogo” para resolver “*l’énigme de la thématique et de la méthode de la psychologie*” (HUSSERL, 1976, p.10).

Além disso, a ênfase nos conceitos de consciência e liberdade conduz Sartre à desconsideração da importância dos condicionamentos e hábitos psicológicos - “caindo, afinal, num erro igual, mas oposto aos psicólogos e psicanalistas que havia criticado” (MORAVIA, 1985, p.68).

Contudo, as críticas sartreanas ao biologismo, ao determinismo e à visão retrospectiva da psicanálise freudiana são relevantes, abrindo campo para uma melhor compreensão do sujeito como *Dasein* (ser no mundo), enfatizando os aspectos existenciais presentes na ação humana. Poderia ser dito, então, que o trabalho de Sartre entra em sinergia com o trabalho de Freud e seus seguidores fazendo com que se repense os fundamentos filosóficos da teoria psicanalítica, sem que com isso sejam invalidadas suas importantes descobertas.

Concluindo, as diferenças terminológicas não devem ocultar o parentesco comum entre a psicanálise freudiana e a psicanálise existencial - que o próprio Sartre apontou - e as diferenças de 'princípio' - sexualidade versus liberdade - não seriam assim tão irreconciliáveis como suposto.

Referências bibliográficas

HUSSERL, E. *La crise des sciences européennes et la phénoménologie transcendentale*. Paris: Gallimard, 1976. 589 p.

HYPPOLITE, J. *Ensaio de psicanálise e filosofia*. Rio de Janeiro: Taurus, 1971. 124 p.

LYOTARD, J.-F. *A fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 1986. 119 p.

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. I*. Rio de Janeiro: Imago, 1987, p.301-409.

MERLEAU-PONTY, M. *Ciências do homem e fenomenologia*. São Paulo: Saraiva, 1973. 77 p.

MORAVIA, S. *Sartre*. Lisboa: Edições 70, 1985. 183 p.

SARTRE, J.-P. *Questão de método*. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p.115-197. (Os pensadores, v. XLV).

SARTRE, J.-P. *A imaginação*. São Paulo: Difel, 1980. 121 p.

SARTRE, J.-P. *El ser y la nada: ensayo de ontología fenomenológica*. Madrid: Alianza, 1984. 648 p.

SARTRE, J.-P. *Freud além da alma: roteiro para um filme*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 769 p.

(Recebido em dezembro de 2001 e aceito para
publicação em fevereiro de 2003)